



COMBATE NA ZONA DE DISSERTAÇÃO¹

Michael Burawoy²

Tradução: Sébastien Antoine³ e Érika Sabrina Felix Azevedo⁴

Resumo: Neste artigo, originalmente publicado em 2005 na revista *The American Sociologist*, Michael Burawoy propõe uma autoanálise de 30 anos de sua prática de orientação na UC Berkeley. Destacando a dimensão desigual de poder, estruturando a relação entre orientador e orientado, Burawoy desvenda caminhos para uma sociologia da orientação sociológica, abrindo a caixa preta das interações, ritos e interesses envolvendo a produção de uma dissertação – e convindo assim outros e outras a seguir o mesmo caminho reflexivo, tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

Palavras Chaves: Pós-graduação. Estilos de Orientação. Desequilíbrio de Poder. Vida Acadêmica. Dissertação.

COMBAT IN THE DISSERTATION ZONE

- 1 Por suas observações, comentários desafiadores e encorajamento, gostaria de agradecer Wendy Espeland, Zsuzsa Gille, Lynne Haney, Sean Ó Riain e Sandra Smith, assim como Ira Silver e David Shulman, editores desta edição especial, e Larry Nichols, editor do *The American Sociologist*.
- 2 Departamento de Sociologia – University of California: Berkeley – California – Estados Unidos – burawoy@berkeley.edu – <http://burawoy.berkeley.edu/> – <https://orcid.org/0000-0002-7195-7278>
- 3 Escola das Ciências Políticas e Sociais (PSAD) – UCLouvain – Louvain-la-Neuve – Bélgica – sebastien.antoine@uclouvain.be – <https://orcid.org/0000-0002-1014-5268>
- 4 Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife – Brasil – erika.azevedo@ufpe.br – <https://orcid.org/0000-0002-8304-4281>

Abstract: *In this article originally published in 2005 in The American Sociologist, Michael Burawoy proposes a 30-year self-analysis of his supervising practice at UC Berkeley. Highlighting the power imbalance structuring the relationship between supervisor and supervisee, Burawoy unveils paths for a sociology of sociological supervising, opening the black box of the interactions, rites and interests surrounding the production of a dissertation – inviting others to follow the same reflective path, both in the United States and in Brazil.*

Keywords: *Graduate School. Styles of Orientation. Power Imbalance. Academic Life. Dissertation.*

COMBATE EN LA ZONA DE DISERTACIÓN

Resumen: En este artículo publicado originalmente en 2005 en *The American Sociologist*, Michael Burawoy propone un autoanálisis de 30 años de su práctica de orientación en la UC Berkeley. Destacando la dimensión desigual del poder que estructura la relación entre el supervisor y el supervisado, Burawoy desvela caminos para una sociología de la orientação sociológica, abriendo la caja negra de las interacciones, ritos y intereses que acompañan la producción de una disertación – invitando así a otros a seguir el mismo camino reflexivo, tanto en los Estados Unidos como en Brasil.

Palabras clave: Estudios de postgrado. Estilos de orientación. Desequilibrio de poder. Vida académica. Disertación.

Parece que as dissertações surgem por uma concepção imaculada. Ninguém lhe diz como escrevê-las; ninguém lhe diz como supervisioná-las. É uma produção inefável e única – um produto conjunto sobre o qual nada podemos dizer, cuja fruição é tão miraculosa quanto a separação do Mar Vermelho. A dissertação é muito central para a carreira sociológica, e ainda assim tão inexplorada. Parece que temos um interesse em colocar a dissertação além da análise sociológica, como se isso pudesse colocar em perigo o próprio processo criativo. Para ter certeza de que há a tradição, os murmúrios, as focas, o *Sturm and Drang*, a fúria e a devoção, a comédia e a tragédia, mas eles só contribuem ainda mais para a mistificação. Passar da anedota à análise, à socioanálise, é profundamente ameaçador, uma transgressão de alguma linha sagrada.

Mas por que o medo? Por que será tão chocante sujeitar a zona de dissertação ao olhar sociológico? É impossível ser desapaixonado por uma relação

na qual cada lado está profundamente investido, emocionalmente e intelectualmente, às vezes preso em combate mortal, às vezes dançando em completo unísono? Ou será que vamos descobrir que não somos os autores individuais de nosso próprio trabalho? Ou que vamos desmascarar a mitologia da busca desinteressada da verdade? Ou que vamos revelar o poder simbólico que está no cerne do processo? Ou que, removendo o véu no campo do poder, demonstraremos as estratégias carreiristas que estão por trás de nosso jogo de dissertação? Ou será que não podemos simplesmente objetivar uma relação tão pessoal, tão santificada?

Se a sociologia é a força do esclarecimento que afirmamos ser, então devemos ser capazes de enfrentar nosso próprio olhar penetrante. Não há razão para nos isentarmos das armas que tão alegremente brandimos sobre os outros. Após 25 anos orientando dissertações, assim como uma vida inteira escrevendo sobre trabalho, sinto-me obrigado a arriscar a exposição, nem que seja para incitar os outros a fazer o mesmo. Expor-me, espero, deixará os outros também expostos, movendo-os para avaliar suas próprias experiências e talvez até escrever sobre elas, seja qual for o lugar em que estejam localizados no processo de dissertação ou mais amplamente no campo da sociologia.

Supervisão e o acadêmico independente

Antes de dar o mergulho, eu preciso resolver uma questão terminológica. Há uma série de expressões usadas [em inglês] para se referir ao processo de trabalho de dissertação – *mentoring*, *advising*, *directing*, mas eu prefiro *supervising*. A “mentoria” veicula [a ideia de] uma relação de um indivíduo moldando outro, enquanto eu quero colocar maior ênfase no processo de produção. O “aconselhamento” é melhor, mas também se concentra no indivíduo. Isso implica que o orientado é livre para aceitar ou rejeitar o conselho. Mistifica-se o que é central para a relação, ou seja, o poder. A “direção” se move na direção do poder, mas a supervisão captura melhor o olhar que forma o trabalho no produto reconhecível e congelado que chamamos de dissertação. Mas, como deve ser claro, a supervisão nunca fica incontestável. É uma batalha, um combate, muitas vezes subterrâneo, até o fim e além, muitas vezes tanto com o supervisor internalizado quanto com o supervisor real. Ao fazer a analogia com um processo de trabalho, não se deve esquecer que o supervisor da dissertação, ao contrário do supervisor do trabalho assalariado, tem interesse na criatividade do supervisionado, transformando o supervisionado em outro supervisor, ou seja, um interesse não em desqualificação, mas em promover o produtor direto em todos

os sentidos da palavra. Mas isso não significa que não haja luta. Longe disso, já que, por trás da produção, há também a expropriação do lucro simbólico.

Ao tentar-me a contribuir para esta edição especial do *The American Sociologist*, Ira Silver lembrou um mantra que eu, aparentemente, pronunciei frequentemente durante um seminário de trabalho de campo que fiz na *Northwestern University*: “meu trabalho é convencê-lo de que vale a pena seguir suas ideias”. Isso, de fato, é o que eu digo a mim mesmo (e obviamente a outros também) sobre mim mesmo: “estou aqui para lhe dar confiança para perseguir suas ideias, ou pelo menos aquelas que considero dignas de serem perseguidas”. Em um bom dia, é isso que acredito que faço. Essa é a minha verdade oficial, a verdade declarada. Tentei torná-la uma pedagogia semi completa, mesmo que ainda incipiente, o que Michael Polanyi poderia chamar de “conhecimento pessoal”. Mas, como eu descobri dolorosamente na preparação deste ensaio, essa não é a única verdade. É uma verdade que vem de uma posição e disposição definidas e que vai gerar em meus leitores contra-verdades, protestos de outras posições e disposições. Inevitavelmente, ao apresentar publicamente minha visão da supervisão, o que penso que estou fazendo, estou convidando uma gama de percepções e apreciações muito diferentes, e algumas críticas muito duras.

Deixe-me preparar o palco. Eu ensino em *Berkeley*, onde o *ethos* sempre foi incentivar os estudantes de pós-graduação a desenvolver seus próprios projetos independentemente da pesquisa do corpo docente. Nós o chamamos de modelo “acadêmico independente” em oposição ao modelo de “formação de aprendizes” no qual os estudantes trabalham, elaboram a pesquisa de seu supervisor. Vejo a distinção da seguinte forma: os acadêmicos independentes se tomam como ponto de partida, enquanto o aprendiz procura o mestre para iniciar e então dirigir sua pesquisa. Os acadêmicos independentes devem ser seus próprios artesãos enquanto o aprendiz pertence a uma oficina, assim como o cientista da natureza pertence a um laboratório. No primeiro, o foco é a produção do produto e depois a produção do produtor; no segundo, a ordem é invertida: o treinamento do sociólogo vem em primeiro lugar. Dos estudiosos independentes, normalmente vêm dissertações como livros de autoria individual, talvez o melhor trabalho científico que você jamais irá completar; fora da formação de aprendizes, emergem artigos de autoria conjunta, razão prévia para uma carreira que só começa realmente após a dissertação.

O modelo do acadêmico independente sempre prevaleceu em *Berkeley*. Desde que atingiu a maturidade, nos anos 50, recrutando futuros ilustres [pesquisadores] como Reinhard Bendix, Leo Lowenthal, Erving Goffman, Bill Kornhauser, David Matza, Philip Selznick, Franz Schurman, Hal Wilensky,

Seymour Martin Lipset, Herbert Blumer, Neil Smelser e Guy Swanson, o departamento se considerou pioneiro em novas áreas. Ele encorajou a floração de mil flores, que foi como sobreviveu aos anos sessenta e suas consequências. O resultado é uma ampla tolerância à diversidade no estilo sociológico, tanto em teoria quanto no método, que se estende ao corpo discente na pós-graduação. Não há nenhuma tentativa de elaborar uma classificação injusta dos estudantes, nem mesmo de padronizar listas de leitura para exames de qualificação⁵. Tudo é feito sob medida para o indivíduo. Significativamente, não temos sequer uma defesa de dissertação pública, esse selo de consenso profissional e de credenciamento. A aprovação final é negociada independentemente com os membros do comitê de dissertação, com o supervisor assumindo o papel principal. Esse é o contexto com base no qual eu lanço minhas reflexões pessoais sobre o processo de dissertação.

O Processo de Trabalho de Dissertação

Em seu memorável apêndice de *The Sociological Imagination*, C. Wright Mills descreve o ofício do trabalho intelectual como evitando procedimentos rígidos, cultivando a imaginação sociológica pela devoção da vida ao trabalho, e rompendo os limites da convenção disciplinar. Ele pinta o quadro do erudito renascentista, desligado de qualquer contexto social, exceto aquele que está sendo investigado e para o qual ele ou ela está atrelado. Esse é o ofício da sociologia, mas sem uma sociologia do ofício. É um conto de fadas que um intelectual alienado conta a si mesmo sobre sua vida de perseguição. É um conto que nenhum sociólogo pode engolir.

Independência não significa isolamento. Os estudantes de doutorado estão inseridos em muitas comunidades, em grupos de sócios – grupos de apoio de estudantes de pós-graduação, grupos de dissertação, grupos de amizade, amigos e parentes – mas também em grupos de referência, desde o futuro professorado que eles esperam ingressar, até a companhia de Deus, que os guia por este processo ao mesmo tempo penoso e milagroso. Os agradecimentos das dissertações revelam a riqueza social da vida dos estudantes de pós-graduação sem a

5 [Nota de Tradução – NdT] Nas universidades de pesquisa dos Estados Unidos, os exames de qualificação de doutorado (*PhD Qualifying Examination*) acontecem depois de ter cursado todas as disciplinas obrigatórias do programa de pós-graduação. O exame é baseado numa lista de leitura composta de 30-40 livros, na forma de provas escritas e/orais, demonstrando o domínio das áreas da disciplina relacionadas com o projeto de pesquisa – que só poderá ser iniciada após completar com sucesso o exame. No departamento de sociologia da UC Berkeley, essa lista de leitura é composta em negociação entre o doutorando e três membros do comitê de examinação, selecionados seguindo as suas respectivas áreas de expertise.

qual a finalização seria uma proposta ao mesmo tempo diferente e difícil. Nesse sentido óbvio, a dissertação é, de certa forma, sempre mais do que um produto individual, mais do que um produto conjunto de orientador e do orientado. De fato, como veremos, ela está inserida em um campo de forças muito mais amplo.

A biografia também é importante, mais importante do que deixamos transparecer, na determinação da escolha fatídica do tema da dissertação: você estuda a Irlanda porque é irlandês; você estuda a mão de obra filipina porque conheceu as lutas dos trabalhadores filipinos; você estuda como os latinos sobrevivem à pós-graduação porque você mesmo é um dos poucos latinos; você estuda os trabalhadores domésticos porque sua mãe era uma; você estuda a escolaridade porque seus pais eram professores; você estuda os trabalhadores da construção civil porque você foi um grande parte de sua vida; você estuda os dilemas da busca de emprego porque sua família sofreu o desemprego; você estuda a satisfação no emprego porque você teve uma existência insatisfatória como um advogado corporativo; você estuda o trabalho porque você foi um líder sindical; você estuda o autismo porque você cresceu com um irmão autista. Risque um tópico e você provavelmente encontrará pelo menos um traço biográfico. Mas existem outras fontes também: cursos formadores, livros brilhantes, professores impactantes, causas políticas e paixões morais. O acadêmico independente tem rédea livre para escolher a direção da pesquisa, independentemente de qualquer supervisor que, de qualquer forma, precisa ainda ser escolhido. Uma vez que um tópico emerge, ele tem de ser esculpido em uma pergunta, um problema, um quebra-cabeças – ele tem de ser tornado interessante para outros sociólogos e não apenas para si mesmo. É aí que entra a literatura.

A literatura não é dominada só por si mesma. Não é apenas uma demonstração ritual que permite a você passar como um acadêmico conhecedor. Para ter certeza quando eu não estou familiarizado com a substância concreta de um tópico, o que muitas vezes acontece, você tem que demonstrar seu domínio da literatura relevante. Mas o envolvimento com a literatura serve um propósito mais profundo: convencer primeiro a si mesmo e depois aos outros de que você está realmente lidando com um problema de algum peso, algo significativo para uma comunidade de acadêmicos. É um problema que irá preocupar você, desde vários anos até uma vida inteira. Você tem que convencer os colegas sociólogos de que uma questão não foi tratada adequadamente, ou que um problema foi deixado intocado ou que um quebra-cabeças não foi resolvido. Daí o pânico quando você descobre que alguém está trabalhando em um tema estreitamente aliado, o qual, em princípio, deveria ser algo a ser celebrado. Acontece quase invariavelmente que você pode explorar as nuances da diferença e um aparente

desastre se transforma em uma oportunidade de ouro. Em resumo, você usa a literatura para investir sua dissertação com significado comunitário, de modo que ela esteja destinada a se tornar parte do corpo acumulado de conhecimento sociológico.

Assim, podemos dizer que existem dois corpos teóricos: aquele que você não gosta e aquele que você gosta; aquele que você critica para rejeitar e aquele que você critica para melhorar; aquele que é superficialmente relevante, mas inadequado à tarefa que você se propôs e aquele que, com ampliação e reconstrução, tem o maior potencial para lidar com sua pergunta. Você quer concentrar suas energias críticas nas teorias para as quais você vai contribuir e não naquelas que você descarta. Assim, você nunca começa do zero, *tabula rasa*, como se os dados dissessem tudo e como se ninguém nunca tivesse feito nenhuma pesquisa em sua área antes. Você se coloca em uma linhagem científica e não como um gênio fora da história, mais dentro que fora de um campo de contestação acadêmica.

Seguindo essa lógica, o projeto de dissertação é apenas superficialmente e parcialmente sobre o *design*, que geralmente evolui com a própria pesquisa, mas sobretudo sobre convencer a si mesmo e aos outros de que você está em cima de algo importante, digno de seu compromisso total. Deve-se ter certeza de que o projeto de dissertação demonstra sua capacidade de enfrentar o problema definido, que você tem a metodologia, os antecedentes e a devoção para realmente resolver o problema. De fato, a proposta já é uma tentativa preliminar não só de formular, mas também de resolver o problema. O projeto é, portanto, não apenas uma argola burocrática a ser saltada, um rito de passagem, mas é o primeiro rascunho de sua dissertação, a primeira tentativa do produto final. Aqui você já especula sobre o que vai encontrar, mas faz isso não para estar certo, o que seria desinteressante, mas para estar errado, para se surpreender. Como supervisor, estou lá para esticar e imbuir o projeto com sua imaginação, em vez de promover uma ladainha de hipóteses. Esse não é um momento para jogar pelo seguro, mas um momento para ousar pensar, ousar assustar, um momento para definir um compromisso duradouro. É o seu voto de casamento.

Você não deixa o projeto para trás, mas leva-o consigo para o campo, quer seja uma pesquisa por questionário ou uma pesquisa de arquivo, com entrevistas ou observação participante. Com seu projeto como sua lente, você vê coisas que de outra forma seriam ignoradas. Ela se torna seu guia, seu mapa, sua bíblia pessoal, mas não é fundido em pedra. É um instrumento maleável que se expande e se auto transforma com os dados que você coleta. Ele se torna seu acordeão. A própria pesquisa se torna um experimento contínuo pelo qual o

projeto é reescrito, expandido e elaborado. Se o projeto for encontrado em falta, se quebrar sob a pressão da evidência, se não fizer mais sentido, então uma nova edição revisada terá que ser escrita. A qualquer momento de sua pesquisa, você deve saber, seja qual for a tentativa, de que se trata sua dissertação, suas principais reivindicações e seu significado. Desde o início, sua dissertação deve ter um título, um título variável que capte, de forma tão sucinta quanto possível, sua reivindicação geral, seu código genético. É um guia perpétuo, um lembrete do que você está fazendo. Você não pode esperar até que os dados estejam dentro, e então erguer laboriosamente o edifício, tijolo por tijolo, como se ele mesmo se construísse por si mesmo. Desde o início, e até mesmo desde antes do início, você já está sempre escrevendo sua dissertação em diálogo com uma comunidade de cientistas visível ou invisível.

As dissertações não são romances, que mantêm o leitor adivinhando o que vem a seguir, para ser revelado apenas no final. Não. As dissertações são mais como provas matemáticas nas quais as alegações são expostas clara e sucintamente no início, para que o leitor possa seguir a prova passo a passo. Ao contrário do romance vitoriano, não há nenhuma virtude em extensão. Muito pelo contrário: quanto mais longa for, mais exigente será a estrutura para manter tudo em forma. Lembro-me de uma das primeiras dissertações que supervisionei e que continuavam, de um volume para o outro. Eu estava desamparado e o estudante também. Fermentava em sua mente há anos e depois saiu incontrolavelmente. Agora eu tenho uma regra: as dissertações têm de ter menos de 350 páginas. Se for mais longo, você provavelmente não está claro sobre o que quer dizer ou está sendo repetitivo, e certamente ninguém vai querer lê-la.

Portanto, quando se trata de escrever capítulos, não se deve seguir o exemplo da Torre inclinada de Pisa, com cada capítulo uma interpretação intrigante daquela que veio antes, uma sucessão de epiciclos soltos que acaba caindo por terra. Em vez disso, você passa muito tempo projetando e redesenhando o todo. Como supervisor, eu quero saber como cada capítulo se encaixa no argumento total. Na verdade, só aceitarei um capítulo se ele for acompanhado por uma sinopse em constante mutação do conjunto da dissertação e um pequeno sumário de cada capítulo – o andaime emergente que mantém o projeto unido. Quero saber o ponto da situação a fim de avaliar a contribuição do capítulo que estou lendo. A dissertação não deve correr em diferentes direções, como uma galinha sem cabeça. Meu papel é o de reter continuamente os capítulos em uma relação sistemática uns com os outros.

Isso afeta a forma como escrevo comentários. Os colegas costumam escrever comentários detalhados nas margens dos capítulos de dissertação. Eu quase

nunca faço isso, preferindo oferecer interrogações contínuas da lógica interna da dissertação, qualquer coisa até 40 interrogações datilografadas por dissertação. À medida que fui envelhecendo, o número de comentários foi crescendo mais numeroso e menos volumoso. Eu costumava fazer comentários detalhados se estendendo por página e páginas, sobrecarregando e até paralisando você. Às vezes, você nunca mais voltava. Foi um pouco desonesto da minha parte reclamar de seu passo atrás, pois suspeito que meu bombardeamento visava estabelecer minha autoridade, minha credibilidade como jovem sociólogo – com pouca reflexão sobre o que poderia ser útil para você.

Portanto, agora, quando se trata de comentários, sou menos avassalador, menos conforme a verdade instantânea do que a lenta redução do erro. Eu não tento aperfeiçoar um capítulo, uma dissertação de uma só vez, mas penso em uma campanha de retificação com aproximações sucessivas que começa com o andaime – um resumo detalhado do capítulo – e se concentra lentamente ao longo do tempo nos detalhes do edifício. Na tentativa de manter o todo em vista, eu fetichizo títulos e subtítulos de capítulos. Conforme os capítulos vão surgindo, o andaime se ajusta e com ele todos os outros capítulos, de modo que no final o andaime e o edifício se tornam indistinguíveis, e o andaime se dissolve no edifício que então fica sozinho, resplandecente, reluzente.

Para além da díade

Você escreve apenas uma dissertação, mas é possível que você supervisione muitas. Você pode aprender a supervisionar, primeiro talvez aos pés de um virtuoso, sendo a segunda pessoa em um comitê – embora, dessa forma, você possa acabar fazendo todo o trabalho e obtendo pouco reconhecimento. É mais do que provável que você aprenda como eu aprendi: com base em seus próprios erros. No início de sua carreira, você está tão inseguro do caminho de supervisão a ser tomado que muitas vezes não está claro quem está supervisionando quem. Nesses primeiros anos, o “aluno internalizado” pode ser severo e censurador, castigando cada comentário, cada movimento seu. Somente lentamente você ganha vantagem sobre esses demônios internos, à medida que ganha confiança em seus julgamentos, sugestões e direções.

Muitas vezes, eu me pergunto sobre a fonte de minha própria confiança para dar aos estudantes a confiança em suas ideias. Acho que me foi imposto nos seminários de observação participante que eu costumava organizar quase todos os anos. Aí eu tinha um semestre para levar os estudantes a partir do nada, através de uma proposta, a coleta de dados, revisão de literatura e, com base nisso,

para os sucessivos rascunhos de um trabalho que refina e envolva um problema definidor – uma dissertação em miniatura. Como supervisor de dissertação, é minha posição que me impõe a responsabilidade de desvendar e tematizar apenas uma ideia; é sua necessidade desesperada de ordem que torna minha intervenção imperativa; é minha autoridade e sua necessidade de acreditar em mim que me faz acreditar em mim. Quanto mais frequentemente o faço, mais confiança desenvolvo em meu próprio julgamento, mais confiança você desenvolve em mim como supervisor e, portanto, mais provável que as coisas funcionem. Pascal disse: ajoelhe-se e acredite; então, supervisione e encontrará a ideia. O perigo, é claro, é que eu me torno muito confiante e perca a crisálida, brotando em sua imaginação semiconsciente.

Embora, como supervisor de dissertação, eu assumo o papel principal, não estou sozinho nesse processo. A supervisão, em teoria e na prática, é uma responsabilidade compartilhada. Passo inúmeras horas comparando notas com meus colegas sobre seu progresso ou regressão, transmitindo minhas frustrações e escutando as frustrações dos outros. Às vezes, quando você tem confiança para lidar com perspectivas conflitantes, posso entrar em batalhas públicas com outro membro do comitê sobre o real significado ou direção de sua dissertação. Algumas vezes, as batalhas são mais subterrâneas. Normalmente, conspirarei com colegas no privado para desenvolver uma estratégia concertada e uma frente comum para assegurar a gestação e o crescimento de sua dissertação. Quando for oportuno, posso convocar uma reunião do comitê de dissertação, mas com pleno conhecimento de que, se o tempo não for maduro, tal reunião pode facilmente levar à confusão e ao desespero.

Depois de toda a construção da confiança em uma ideia, essa convergência incerta de dados e teoria é um assunto frágil, sempre à beira da ruptura. As ideias têm o hábito de se transformar em pó. Por isso, posso ser bastante protetor – alguns diriam superprotetor –, blindando você contra os olhos críticos de meus colegas. Até que você tenha confiança em suas ideias, até que esteja em casa com elas, convencido por elas, é necessário remar na ponta rasa e, se necessário, com um cinto salva vidas à postos. Se eu tiver sucesso, no final, o poder é transferido à medida que você ganha confiança em suas próprias ideias e você decola, subindo como uma águia fina.

Antes de decolar, sem confiança em suas ideias ou discordando da minha avaliação do que você está fazendo, você pode procurar o apoio de outras autoridades do corpo docente que não seguraram suas mãos por meio [desse] processo agonizante. Mas suas observações de fora do jogo, feitas nos momentos

apressados dos *office hours*⁶, podem ter um impacto devastador. Sujeito a uma barragem de perguntas inocentes para as quais você não está preparado, você é lançado fora de equilíbrio. Você é interrogado: como você pode comparar os movimentos dos trabalhadores no Brasil e na África do Sul, ou a organização do trabalho na Coreia do Sul e nos Estados Unidos? Como você pode comparar o Congresso Nacional Africano e a Organização de Libertação da Palestina? Como comparar o jogo na África do Sul e em Nevada, o planejamento econômico na Turquia e na França, ou a segurança de Estado no Zimbábue e na Irlanda do Norte? Como você ousa comparar a limpeza étnica sérvia na Bósnia com a ocupação israelense da Palestina? Com que frequência já ouvi o canto das proverbiais maçãs e laranjas⁷? Essa queixa muito facilmente perde o foco: a magia sociológica está precisamente comparando o incomparável, comparando maçãs e laranjas, transformando ambas em pêras! Quanto mais contraintuitiva a comparação, mais profunda e ousada é a sociologia.

Esses desafios bem intencionados de meus colegas podem suscitar novas direções, despertar novos *insights*, mas também podem alimentar suas inseguranças crescentes e minar sua autoconfiança – a autoconfiança necessária para escrever uma dissertação ambiciosa. Resta a mim, seu supervisor, pegar as peças e juntá-las novamente, para que você possa se recuperar e seguir em frente. Em momentos cruciais, minha paixão, meu compromisso é importante para levá-lo adiante. Mas tenho que ter cuidado para não exagerar no compromisso. Tenho que ser capaz de ver um novo movimento, uma nova estratégia, uma nova direção, um novo cristal. Para isso, é necessário que eu lhe dê espaço para reclamar, para desafiar e contestar minha direção. Você deve poder entrar em combate sem parecer desleal ou desconfiado. Você deve poder ser capaz de me dizer que estou simplesmente errado. Ou, como um estudante já me disse: “você está louco”. A brincadeira, a resistência, a contestação, a luta contínua que tanto choca os estudantes mais respeitosos, e às vezes choca até a mim mesmo, faz parte de uma liberdade e flexibilidade essencial que mantém sua dissertação no caminho certo. O fato de ficar tão raramente fora de controle sugere que ambos os lados reconhecem não apenas o quanto é necessária, mas também a confiança fundamental sobre a qual ela se baseia.

6 [NdT] Nas universidades estadunidenses, as *office hours* são horas de orientação individual ou coletiva organizadas semanalmente pelo corpo docente como parte das suas atividades de ensino.

7 A expressão inglesa “to compare apple with/and orange” destaca a dificuldade, ou até a impossibilidade, de comparar duas coisas demasiadas distintas. Burawoy joga com essa expressão frutícola propondo uma solução ao dilema da comparação, tornando as duas frutas (maçã e laranja) uma só (pera) usando a teoria sociológica para criar um comum denominador.

Mas, felizmente, nunca é só você e eu no combate. Nós nunca estamos sozinhos, ou pelo menos eu tento garantir que nunca estamos sozinhos. Além do comitê de dissertação composto de professores, há muitos grupos de apoio que você desenvolve por conta própria com colegas estudantes. Eu também conto com um grupo – entre cinco e dez estudantes, dependendo de quem está por perto na época e de quem quer participar – provenientes daqueles cujas dissertações eu estou supervisionando. Eles desenvolvem um raro compromisso com o trabalho um do outro. Nós nos encontramos a cada duas semanas para um jantar coletivo no meu apartamento. Uma pessoa apresentou um capítulo uma semana antes e todos já enviaram uma página ou duas de comentários alguns dias antes da reunião. A pessoa na situação “difícil” prepara as respostas e lidera a discussão. Ao final da noite, se as coisas correrem de acordo com o planejado, teremos retirado o quadro branco e rearranjado toda a dissertação – do prefácio à conclusão. Ou talvez o dissertador esteja em uma fase mais preliminar, ainda no campo; então, discutimos como avançar em direção ao andaime.

É impressionante a rapidez com que todos entram a bordo do projeto, como os comentários convergem em questões que levam além do capítulo apresentado para o corpo da dissertação. A rapidez da disposição do estudante de pós-graduação para se separar é colocada em repouso à medida que nos fixamos no trabalho um do outro, ao erguer a dissertação em fundações resistentes. Certamente, no dia seguinte, pode não parecer tão ereto, as peças não encaixam tão bem como pensávamos, mas, pelo menos, o todo foi mapeado e você se sentirá mais enraizado, pronto para continuar. Quando você vê o todo, então você vê igualmente o que precisa ser consertado, reparado. Mas você também acredita na dissertação, em sua viabilidade. Não há nada como um quadro para conquistar a realidade.

O benefício lateral do grupo de dissertação é que cada um de nós aprende o que significa montar uma dissertação, de modo que, na verdade, você está participando não apenas de sua própria dissertação, mas do desenvolvimento de várias outras. Você aprende como fazer comentários construtivos e como responder a eles, como conduzir um seminário sobre seu próprio trabalho. Você aprende que os outros estão passando pelas mesmas agonias que você e aprende as diferentes maneiras de lidar com elas. Isso é uma excelente preparação para quando você mesmo estiver supervisionando estudantes.

Estilos de Supervisão

Como você pode ver, há mais de uma maneira de supervisionar o acadêmico independente. Quando olho para trás nas dissertações que supervisei, penso

em mim como a parteira, que nutre e entrega o que já está lá. Isso, ao que parece no final, é auto engano, negação, ou simplesmente perda de memória. Se eu sou parteira, então sou muitas vezes o mestre da cesariana. A parteira é uma forma conveniente de esconder de mim mesmo um parto muito áspero, como eu digo, mais parecido com um combate. Meus co-autores da *Etnografia Global*, todos os estudantes que fizeram as suas dissertações comigo, passaram por um momento particularmente difícil. Estudantes brilhantes com mentes próprias são difíceis de encurralar entre duas capas de um livro que lavra um campo comum. Eles me chamaram de Bela Karolyi por causa do treinador das bem sucedidas ginastas americanas nas Olimpíadas de 1996 – famoso por seu tratamento patriarcal, muitas vezes despótico, de suas alas adolescente, levando-as a desempenhar além de suas capacidades. Ele não pararia em nada, e nem eu, aparentemente. Para fazer com que você produza, eu convengo e suborno, bajulo e castigo. À medida que você alcança padrões cada vez mais altos, a barra também se eleva – até que você não aguente mais e me diga para assinar [a autorização de defesa]. Portanto, talvez eu deva chamar [a minha maneira de fazer] de *modelo coach* de supervisão, cuidando do produtor, mas apenas para produzir o produto.

Meus colegas geralmente têm uma abordagem mais suave. Lembro-me de compartilhar pensamentos sobre supervisão com uma das minhas colegas mais antigas. Fomos surpreendidos pela abordagem um do outro – ela do meu instrumentalismo e eu do seu maternalismo. Ela se via *in loco parentis*, cuidando das muitas necessidades de seus alunos, conhecendo detalhes sobre suas vidas e sobre a dela. Eu, por outro lado, só me preocupo com a dissertação e o resto terá que cuidar de si mesma, a menos, é claro, que interfira no progresso acadêmico. Você é apenas o instrumento para realizar sua dissertação e não a dissertação como um meio de realizar a si mesmo. Há aqui um componente de gênero inescapável. Não é apenas que minha colega seja do sexo feminino e, portanto, adote uma abordagem mais expressiva e holística, embora seja assim que possa parecer, mas também que os estudantes esperem, e até mesmo exijam, que as mulheres cuidem tanto de sua vida pessoal quanto da sua vida profissional. Muitas vezes, é um apelo por solidariedade, uma estratégia de poder, uma arma dos fracos. Comigo, tais exigências são mais suscetíveis de aparecer como uma declaração de vulnerabilidade, um movimento arriscado. A dimensão de gênero na supervisão é interativa, mas dentro de um contexto de disposições e expectativas mais amplas.

Os modelos parental e treinadores não são, de forma alguma, exaustivos dos estilos de supervisão. Há também a *abordagem do campo de treinamento* – disciplina militar dura. Esse foi o modelo em meus próprios anos de pós-graduação em Chicago. No final do primeiro ano, tivemos que fazer exames preliminares

para eliminar os desajustados que não podiam regurgitar a tradição local. Mesmo se poucos foram realmente expulsos (e não tenho certeza de como sobrevivi), o próprio esforço, o exercício disciplinar contaminou a atmosfera para todos. Para aqueles que passam o julgamento, bem, então eles entram no reino da dissecação da liberdade, o maravilhoso mercado livre de ideias, em que todos estão jogando em pé de igualdade. Afunde-se ou nade com suas próprias botas, a menos que tenha a sorte, como eu tive, de encontrar um ramo ao qual se agarrar.

A abordagem do campo de treinamento pode levar a outro modelo popular – popular tanto entre os estudantes quanto entre os professores – que é *supervisão fictícia*, em outras palavras, negligência benigna. Não é tão ruim quanto parece. Em um dia ruim, acho que meus orientados ficariam melhor sem mim, e alguns certamente ficariam. Talvez eu seja muito prepotente, muito seguro de meu próprio julgamento sobre a direção de sua dissertação. Alguns estudantes, afinal, prosperam com a autonomia. Eles simplesmente querem ser deixados sozinhos para prosseguir com seu próprio projeto com um mínimo de interferência. Tudo o que eles querem é meu apoio moral. Na verdade, eles querem uma variante específica de orientador-fictício – o líder de torcida que está sempre de plantão para despertar entusiasmo e apoio, dizendo-lhe que você pode fazê-lo.

Mas não esqueçamos que o corpo docente muitas vezes fica muito feliz com tal modelo de *laissez faire*. Nem é intelectualmente exigente nem consumidor de tempo. Era tudo demasiadamente comum em Berkeley quando cheguei em 1976, um legado das guerras dos anos 60. Hoje em dia, o departamento é mais profundamente profissionalizado; portanto, tal irresponsabilidade é inaceitável. Talvez as dissertações tenham sido mais criativas nos anos 70, mas isso resultava também de um discipulado em crise, precisando muito de uma injeção de novas ideias. A supervisão fictícia pode ter beneficiado aqueles que se sentiam em casa no meio acadêmico, mas não foi uma escolha para os muitos que foram deixados de lado. A supervisão fictícia pode deixar os estudantes se afogarem.

Embora os professores se inclinem para um estilo ou outro, eles também têm que adaptar seus modelos aos estudantes com os quais trabalham. Alguns modelos exigem mais adaptação do que outros. Como treinador, reconheço que alguns de vocês são simplesmente não treináveis e eu desisto, adotando a supervisão fictícia. O combate não vale a pena. Mesmo entre aqueles que respondem melhor às minhas exortações e instigações, há muita variedade. Afinal de contas, ao tentar levá-los à melhor forma possível, para realizar todo o seu potencial, é preciso avaliar seus pontos fortes e fracos, não forçar demais, mas não reter tampouco. O mais importante de tudo é levar em conta o que, por falta de um termo melhor, poderíamos chamar de “capital cultural”, ou seja, o ajuste entre suas experiências

e disposições de um lado e o *ethos* e as expectativas do departamento do outro. Em termos gerais, e sendo todas as outras coisas iguais, aqueles que descendem de parentesco acadêmico se ajustam mais facilmente. Eles têm um *habitus* pré-fabricado que torna tudo natural e normal. Aqueles que vêm de origens muito diferentes de bairros populares e de guetos, aqueles que vêm dos setores marginalizados da sociedade, aqueles de origem religiosa ou militar cujos valores entram em choque com o *ethos* um tanto liberal da sociologia – e por tanto tempo as mulheres –, todos vocês têm um tempo muito mais difícil.

Dorothy Smith resumiu suas experiências como estudante de pós-graduação em *Berkeley* no final dos anos 50 e início dos anos 60 como “uma mulher urinando em um banheiro masculino”. Mas ela nunca deixou de urinar, independentemente do sofrimento que isso implicava. E o resultado foi uma sociologia feminista pioneira – entre os trabalhos mais originais a sair de *Berkeley*. Hoje as mulheres são a maioria das estudantes de pós-graduação e quase metade do corpo docente, beneficiárias das lutas travadas pela geração de Dorothy Smith. É claro: ainda há um momento de gênero. Os homens ainda escondem suas vulnerabilidades por trás de uma bravata que eu posso facilmente confundir com excesso de confiança. Pode ser mais fácil reconhecer as cicatrizes, as feridas ocultas de classe e raça entre as mulheres.

O treinador deve reconhecer e identificar a fonte do sofrimento, e trabalhar para que você, o orientado dissidente, sinta-se mais em casa, pelo menos com sua dissertação – trabalhando com você atentamente, pacientemente e individualmente para prepará-lo para a luta armada da vida acadêmica. Tenho de aprender a ouvir, a fazer perguntas, a observar e, sobretudo, a ser paciente. Supervisionar é como fazer trabalho de campo, observação participante mais uma vez. Tenho de trabalhar com base em seus pontos fortes, de suas vantagens comparativas, de seus *insights* sobre as cegueiras, os silêncios da sociologia convencional. Tenho de lhe dar a confiança extra que você precisa para fazer a contribuição que a sociologia precisa muito, para ajudá-lo a explorar a disjuntura entre a experiência vivida e a disciplina acadêmica. Aqui estamos juntos em combate contra os estereótipos e truísmos de nossa disciplina, expandindo os horizontes do que pode ser questionado, em combate para defender perspectivas externas. Na verdade, é o forasteiro, o imigrante, a mulher, o gay, o afro-americano, o intelectual alienado, colocando à superfície sua exterioridade, que tantas vezes fizeram os avanços da sociologia. A sociologia tem um lugar para todos se apenas eu puder sustentar sua coragem de encontrar e reivindicar esse lugar. Ainda sou um novato em fazer um lar para os “desajustados” que se sentem desconfortáveis no meio acadêmico, mas é a coisa mais importante que eu posso fazer.

Comerciantes de Poder Simbólico

Até agora, meu relato tem estado no nível da lógica da prática, da análise de senso comum que falo sobre mim mesmo. Estou convencido pelo modelo do treinador, mas você, que trabalha comigo, pode estar menos convencido. De tempos em tempos, uma explosão rasga o véu da ideologia para revelar a violência simbólica sobre a qual ela repousa. Há a garantia do consentimento para a supervisão, mas há também o mascaramento do poder assustador que torna tudo isso possível – a dupla verdade da produção. Diante de uma rejeição após outra, sejam artigos submetidos, pedidos de financiamento recusados ou ofertas de emprego nunca recebidas, você se volta desesperadamente para o treinador para ter confiança para continuar. Ou, desesperadamente deprimido sobre seu progresso, paranóico sobre minhas intenções, minhas motivações, minhas acusações não ditas, você se retira da vista, afastando-se como um gato constrangido. Apenas um conjunto de comentários negativos sobre um capítulo, ou um comentário irrefletido, pode enviá-lo para uma queda livre. É quase como se eu possuísse sua vida.

Há os ritos mesquinhos da pós-graduação: esperar fora do meu escritório, fazer a fila ou se inscrever para um compromisso, esperar por comentários ou notas, por cartas de recomendação. Não há nada como a regulamentação de tempo para estabelecer quem está no controle. Talvez eu seja mais receptivo que alguns de meus colegas, e isso me faz parecer um pouco melhor, mistificando assim a realidade prevaiente, a constância da dominação. Enquanto fora do meu escritório, você troca palavras: “ele está de bom humor hoje?”. Quando se trata de gerar medos e ansiedades, nada é mais eficaz do que soprar quente e frio. Eles costumavam me chamar de Padrinho; talvez ainda o façam, às vezes benevolente, às vezes autocrático. E depois há os ritos institucionais – os exames de qualificação –, quando os ungidos se sentam em julgamento para determinar se você pode ir adiante ou não. Mesmo se você sempre o faz, ainda é uma exposição dolorosa.

Quando eu mesmo era um estudante de pós-graduação, tudo isso veio como um choque. Em meu primeiro trimestre na Universidade de Chicago, em 1972, acabado de sair do barco da Inglaterra, lembro-me das celebrações de uma doutoranda em antropologia que tinha acabado de defender com sucesso sua dissertação. Ela arregalou os estudantes reunidos com um relato passo-a-passo de suas pequenas vitórias por meio de uma provação de dez anos, e agora ela estava sentada em uma cadeira, com as pessoas ao redor contemplando com admiração, aturdidas, duvidando que jamais alcançariam essa imponente altura. O carisma da consagração! Meu ponto é o seguinte: o poder está tão incorporado na relação de supervisão que se torna natural e inevitável, tomado por certo

e, com o tempo, quase despercebido. Ou, se for percebido, é porque os limites do comportamento aceitável foram violados, como nos casos de assédio sexual, defletindo a atenção do poder embutido na própria norma.

Que poder é esse, esse poder simbólico? É o poder de reter ou conceder *reconhecimento*. Seja qual for o estilo, o supervisor está no *business* de conferir honra, assim como o padre elogia as boas obras e admoesta as más obras. Em troca, você abertamente reverencie, admire, respeite seu supervisor, embora, em particular, você possa dar vazão a uma ladainha de reclamações. O supervisor paira fortemente em sua psiquê. Um grupo de meus orientados uma vez se reuniram para discutir suas relações comigo. Eles ficaram chocados com a proximidade que tinham de sua relação com seus pais – buscando de mim, por exemplo, a aprovação que nunca obtiveram dele. E isso talvez explique por que os homens são mais propensos a experimentar a relação como uma relação conflituosa – apesar de eu ter tido algumas relações bastante tempestuosas com mulheres [também]! A transferência é profunda na zona de dissertação.

Essa não é uma troca igual, pois você precisa mais da minha aprovação do que eu preciso da sua. Não importa quão exuberante e dedicado você seja, não importa o quanto você me suga: é impossível compensar a assimetria. Você não tem mais ninguém a quem recorrer se eu retirar o apoio e o reconhecimento. Você não pode me rejeitar facilmente para outra pessoa do corpo docente – isso arriscaria a humilhação pública, você se tornaria uma pessoa desprezível. No entanto, é preciso dizer que a única estudante que trocou de supervisores contra mim, no início de sua carreira de dissertação, seguiu para uma carreira muito ilustre. Ainda assim, essa não é uma relação de trabalho assalariado em que o trabalhador é formalmente livre para mudar de empregador. Isso é servidão; muitas vezes, servidão pela vida. E, em ambos os lados, escravidão mútua. Com certeza, você pode solicitar o reconhecimento de outros professores ou mesmo começar a construir uma oficina independente de capital acadêmico na forma de artigos publicados, apresentações em conferências. Mas a âncora para o futuro ainda está comigo: seu todo-poderoso supervisor.

O perigo é que eu abuse do meu poder e viole sua confiança. Mas então provavelmente me encontraria sem nenhum orientado. Felizmente, não é preciso ser um assediador sexual ou plagiador se quiser que os estudantes deixem-o em paz. Há regras e limites definidos para o uso do poder simbólico cuja violação é rápida e amplamente divulgada. Embora haja uma profunda desigualdade de poder, quando a relação funciona bem, tanto o supervisor quanto o orientado ganham reconhecimento um do outro. Essa pode ser de fato a base de uma reverência e amor mútuos, que, no entanto, operam no e pelo poder.

Fabricação de Capital Acadêmico

Os supervisores podem estar simplesmente satisfeitos com um trabalho bem feito; eles podem se emocionar ao participar da resolução de um quebra cabeça, a fazer avançar um programa de pesquisa, a ver uma dissertação evoluir do nada. Eles podem gozar a glória do reconhecimento e da dedicação de seus alunos, mas também podem buscar reconhecimento além, de seus próprios pares e colegas e do estabelecimento profissional, para seu ensino. O campo acadêmico é peculiar, pois os produtores são também os consumidores – aqueles que buscam o reconhecimento são as mesmas pessoas que o concedem! Que complexidade! Assim, os professores podem construir sua reputação entre os colegas de seu departamento como alguém que a próxima geração de sociólogos respeita, embora isso às vezes possa ser uma bênção mista! Podemos reivindicar retornos sobre o reconhecimento recebido por nossos alunos – e, na verdade, podemos construir conexões fictícias com seus sucessos para nos trazer um pouco de herança simbólica. Os orientados se tornam então um investimento de tempo e energia para lucros que podem ser negociados como capital acadêmico para todos os tipos de benefícios simbólicos no campo disciplinar mais amplo. É claro que o “valor monetário” imediato de uma dissertação não se aproxima de um artigo avaliado, mas os artigos geralmente afundam sem deixar rastro, enquanto os estudantes vivem e talvez gerem mais estudantes. Os artigos não o cumprimentam nas reuniões da *American Sociological Association*, mas também não lhe pedem cartas de recomendação.

Os professores têm interesse, portanto, em acumular seu próprio capital por meio da construção do capital acadêmico de seus alunos, assegurando que suas dissertações sejam originais, mas não muito originais, que eles reconheçam as contribuições de outros sociólogos, colocando-se sobre os ombros de gigantes. Os professores têm interesse em seus alunos publicando artigos, a moeda mais segura do capital acadêmico, mas também apresentando trabalhos em conferências, ganhando prêmios e assim por diante. É claro, há sempre aqueles que são tão inseguros ou dominantes a ponto de ver o sucesso de seus alunos como uma ameaça ao seu status. Do outro lado, se tudo mais permanecer inalterado – mas raramente fica –, os estudantes têm interesse em se apegar aos professores com maior capital acadêmico, que então empregarão esse capital para ajudá-los a obter empregos – seja por meio de suas cartas ou de seus contatos. O sucesso de um estudante no mercado de trabalho se torna uma vantagem cumulativa para o supervisor e, em menor medida, para o comitê supervisor. Estudantes passam a ser conhecidos pelo nome de seu orientador, ou seja, o aluno de fulano. Ou, mais amplamente, os

estudantes são bens simbólicos trocados entre departamentos, assim como Levi-Strauss viu as mulheres como bens simbólicos trocados entre clãs.

É difícil não participar desse jogo de reconhecimento acadêmico se levarmos a sério a inserção de seus alunos. Lembro-me da primeira aluna que supervisionei – a que se tornou uma eminente feminista –, saindo no mercado de trabalho [acadêmico]⁸ com desprezo cavalheiresco pela sociologia, destruindo suas chances nos principais departamentos e sabotando permanentemente o pequeno capital acadêmico que eu tinha acumulado! Eu não sabia muito mais; eu ainda estava sem *tenure*⁹. Gosto de pensar que o corpo docente júnior de hoje é mentorado na arte da supervisão, na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho. Essa experiência traumática mudou minha abordagem de modo que, quando minha segunda estudante obteve sua primeira entrevista, eu lhe disse que ela tinha de fazer um *job talk*¹⁰ de treinamento comigo. Ainda me lembro do seu olhar de desdém – que insulto. Quem era eu para dizer a ela para fazer um treinamento de *job talk*! Com o tempo, desenvolvi uma ideia do que é um bom *job talk*, o que se faz e o que não se faz num *job talk*, as pequenas coisas, os códigos de vestuário, e assim por diante. Com o tempo, a estratégia no mercado de trabalho [acadêmico] se tornou parte da sabedoria do departamento, transmitida de uma geração de estudantes para a próxima. Em Berkeley, os estudantes de pós-graduação organizam seus próprios treinamentos para *job talks* e seus comentários são tão astutos quanto qualquer outro que eu tenha ouvido.

As apostas são altas de todos os lados. Ansiedade e preocupação são maiores se, inexplicavelmente, você não conseguir nenhuma entrevista. Como treinador, tenho que manter o moral e assegurar que sua vez virá se você persistir. E o

8 [NdT] Nos Estados Unidos, a seleção de professores não é realizada por vias de concursos, mas na base de um processo de contratação individual, colocando as universidades em concorrência pelo recrutamento dos candidatos mais desejados. O mercado de trabalho acadêmico estadunidense é então fortemente hierarquizado, e organizado ao redor das conferências anuais das diversas associações científicas e disciplinares nacionais. Depois de uma primeira salva de entrevistas com candidatos pré-selecionados – geralmente no local da conferência –, uma lista mais restrita composta de 2 ou 3 candidatos é constituída. Em seguida, cada candidato é convidado individualmente ao custo da universidade para um dia de visita do campus, incluindo encontros individuais com potenciais futuros colegas e apresentação para o conjunto do departamento durante o exercício do *job talk*.

9 [NdT] A *tenure* americana corresponde a uma nomeação definitiva como pesquisador-docente num departamento específico, depois de um período probatório de contratação de 4-5 anos. A *tenure* só pode ser garantida na base de uma avaliação meticulosa do conjunto das atividades de serviço, ensino e pesquisa (incluindo, geralmente, a publicação de um livro) por parte de pareceristas externos à universidade e especialistas da área de atuação científica do candidato.

10 [NdT] O *job talk* é o momento chave do processo de seleção acadêmico nos Estados Unidos: consiste numa apresentação do candidato, destacando suas linhas de pesquisa e projetos futuros para um público composto dos membros dos docentes do departamento e, geralmente, dos estudantes de pós-graduação.

treinador geralmente está certo. Quando você consegue uma entrevista, então o investimento de capital está em exibição, sua reputação e a minha estão em jogo. Não é à toa que o orientador revisa o *job talk* inúmeras vezes. Sou conhecido por treinar *job talk* por telefone, por chamá-lo de países estrangeiros, ou mesmo por invadir sua casa – tudo para moldar e verificar o *job talk*. Não faz muito tempo, eu me vi gritando com um estudante à beira do que eu considerava autodestruição, levando-me para baixo com ele, implantando o conceito de *habitus* de uma forma que o teria feito um alvo fácil nas entrevistas. É claro, é na preparação e na entrega de um *job talk* que você aprende de que trata realmente sua dissertação e seus problemas. É emocionante, e às vezes avassalador, ter outros sociólogos, estranhos, respondendo a suas ideias.

O campo acadêmico não é tão simples quanto isso. Há locais estratégicos de onde certos tipos de dissertações são mais aceitáveis. Como qualquer outra disciplina, existem campos beligerantes que não contratarão estudantes inimigos, campos engajados em lutas para definir o terreno da disciplina. Quantos anos se passaram antes que certos departamentos sequer entrevistassem um estudante associado a mim – descartado como marxista ou etnógrafo, ou pior ainda, uma combinação dos dois? Posso pensar que não estou administrando uma oficina, mas aqueles que avaliam os estudantes com quem trabalho têm preconceitos definidos sobre o que estão recebendo. Tão decisivo quanto as guerras disciplinares, porém, é a classificação dos departamentos, que inflaciona ou esvazia o capital acadêmico de seus alunos, e o próprio sistema de classificação é quintessencialmente reputacional, baseado nas avaliações do corpo docente. Todas as coisas sendo iguais, os departamentos maiores produzem o maior número de estudantes e assim aumentam sua classificação. Dentro da classificação, desenvolve-se um sistema de castas, cujas camadas superiores são definidas pelo intercâmbio de descendentes, assim como os ricos e os super ricos desenvolvem estratégias matrimoniais para manter sua concentração de riqueza.

Se a competição pelo capital acadêmico impulsiona o campo disciplinar e, portanto, as relações de poder simbólico, será que isso deprecia o “valor científico” da sociologia? Será que o “valor de troca” da dissertação, o capital acadêmico que ela concede ao autor e ao observador, corresponde a seu “valor científico”? Será que a busca do reconhecimento, dos lucros simbólicos e políticos, desnaturam a ciência, distorcem a verdade, desacreditam a visão da dissertação? Ou que o poder é uma condição necessária para a produção criativa? Será que o poder é produtivo? Será que a necessidade de reconhecimento de outros é um motivador de excelência ou de mediocridade? De fato, pode-se dizer que, como os leitores das dissertações são colegas sociólogos, o processo não é corrompido

pelos desejos venais de mercantilização, por satisfazer alguma exploração comercial ou alguma conversa política de vendas políticas. Ainda assim, isso é dar muito crédito aos sociólogos, projetando-os como uma comunidade de consenso, isolando-os do mundo além, enquanto que é, naturalmente, uma comunidade dividida em luta pelo que constitui um bom trabalho, uma comunidade que defende seus limites com outras disciplinas, uma comunidade fechada em uma universidade sitiada, uma comunidade competindo para clientes e patronos.

A sociologia pública curto-circuita todas essas tensões. Estando atenta às preocupações e valores dos não-acadêmicos, ela desafia o controle dos guardiões de nossa profissão, que a vêem como o cavalo de Tróia de “padrões em declínio”, “politização” e “valores alheios”. Ela abandona o acúmulo de capital acadêmico para outras formas de reconhecimento. Ela despertou tanto interesse porque apela para nossos ideais comuns, particularmente entre aqueles menos bem colocados na profissão. Aos estudantes de pós-graduação, é dito que eles não conseguirão emprego se elaborarem suas dissertações para alcançar públicos. E, é claro, há alguma verdade nisso. No entanto, as dissertações podem ser tanto científicas, dirigidas aos colegas, como também, ao mesmo tempo, abordam problemas significativos de hoje – embora parece que poucos departamentos podem se dar ao luxo, ou sentem que podem se dar ao luxo, de permitir que seus alunos sigam esse caminho.

Qualquer que seja sua dissertação, no entanto, não há razão para adiar incursões na sociologia pública até a *tenure*, até que se esteja velho e cínico, curado pelos labirintos da normalização. De fato, muitos estudantes nunca sobreviveriam à pós-graduação se não mobilizar sua sociologia em direções públicas, embora muitas vezes mantidas em segredo de seus supervisores. As sociologias profissionais e públicas não são inimigas, mas parceiros mutuamente revigorantes. A sinergia pode ser encontrada não apenas em Marx, Weber, Durkheim, Du Bois e Addams, mas, com um pouco de arranhão, ela também pode ser encontrada nos grandes profissionais: Merton, Lazarsfeld, Stouffer, Shils e Parsons. A questão, afinal, não é sociologia pública por si só, embora seja assim que é apresentada, mas quem deve ser autorizado a praticá-la, quem deve ser autorizado a converter seu capital acadêmico em capital político.

Fazendo a curva reflexiva

Quando olho para trás em meus 25 anos de supervisão, penso em todos aqueles estudantes com quem tive o privilégio de trabalhar, como eles me ensinaram tanto, empurraram meu próprio trabalho para canais inesperados,

colocaram-me em caminhos que, de outra forma, eu nunca teria tomado. Embora eu não ache que tenha aceitado estudantes específicos porque aprenderia algo em particular com eles, esse sem dúvida tem sido o resultado. Lembro com deleite e admiração as revelações de que tive conhecimento à medida que as dissertações se desdobravam – as novas perspectivas sobre o significado e a organização do trabalho, as ousadas comparações entre nações que brilharam em cada uma delas, a recuperação de dimensões ocultas e inesperadas do socialismo, a redefinição e ubiquidade do político, novas explorações do gênero e da classe, novas abordagens dos movimentos sociais atentos às sociedades em que eles surgem e assim por diante.

Não é apenas a excitação intelectual, mas há uma paixão pelo próprio jogo, por ver uma dissertação até seu fim, superando os obstáculos mais variados. Quando os estudantes terminam, eu tenho *flashbacks* ao início de sua carreira – nossas primeiras reuniões, suas primeiras pesquisas, um trabalho surpreendente, suas decepções iniciais, crises de desespero, confrontos perturbadores, becos sem saída que agora são esquecidos – e até o momento em que suas dissertações de repente se cristalizam magicamente, e depois saltam para a frente (ou não). São as incertezas e os desafios desse jogo que me sugam e, ao mesmo tempo, obscurecem as desigualdades e privilégios, normalizam o mercado do poder simbólico, sobre o qual o jogo repousa.

A vida acadêmica pode ser tão imersiva que raramente se pensa em submetê-la a uma análise sociológica, para revelar a lógica da prática e, depois, por trás da prática, desvendando a produção mágica do produtor e do produto. Escrever este ensaio, portanto, revelou muito o que era imperceptível ou mesmo desconhecido para mim. Foram seis meses dolorosos, à medida que tenho lutado para descobrir as relações sociais de supervisão, assim como, sem dúvida, pode ser doloroso ler – ter relações de supervisão desmascaradas pela arte desencantadora da sociologia. Mas é isso que fazemos aos outros. Por isso, devemos fazê-lo a nós mesmos.

Recebido em: 14/03/2022

Aprovado em: 27/04/2022

Como citar este artigo:

BURAWOY, Michael. Combate na zona de dissertação. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, maio - agosto. 2022, pp. 483-504.